

Variação de nomes gerais na constituição de expressões fixas Variation of general nouns in the constitution of fixed expressions

Eduardo Tadeu Roque Amaral*

Luanna de Sousa do Nascimento Oliveira**

RESUMO: Este trabalho analisa a variação lexical de expressões fixas formadas por nomes gerais, isto é, unidades linguísticas que possuem conteúdo semântico mínimo. A análise se baseia em pressupostos teóricos da variação linguística e dos estudos lexicais, especialmente daqueles dedicados às expressões fixas ou fraseologismos (GARCÍA-PAGE, 2008; FULGÊNCIO, 2008; TAGNIN, 2013). Também são considerados os aspectos teóricos de trabalhos que investigam as propriedades dos nomes gerais (AMARAL e RAMOS, 2014; KOCH e OESTERREICHER, 2007; MIHATSCH, 2015). Os itens investigados são coisa, negócio, trem e troço, todos com traço [- humano]. A amostra está constituída por dados de transcrições de língua oral obtidas a partir de gravações sociolinguísticas realizadas em diferentes estados do país. A análise permite mostrar que, mesmo em construções que tendem a ser consideradas estruturas cristalizadas, existe uma variação que se manifesta tanto em elementos não nucleares como em núcleos constituídos por nomes gerais, o que se observa principalmente em marcadores conversacionais.

ABSTRACT: This work analyzes the lexical variation of fixed expressions formed by general nouns, i.e., linguistic units that have minimal semantic content. The analysis is based on theoretical assumptions of linguistic variation and lexical studies, especially those devoted to fixed expressions or phraseologisms (GARCÍA-PAGE, 2008; FULGÊNCIO, 2008; TAGNIN, 2013). It is also considered the theoretical aspects of works that investigate the properties of general nouns (AMARAL & RAMOS, 2014; KOCH & OESTERREICHER, 2007; MIHATSCH, 2015). The items investigated are “coisa”, “negócio”, “trem” and “troço” (synonyms of “thing” and “stuff”), all with a [-human] feature. The sample consists of data from oral language transcriptions obtained from sociolinguistic recordings carried out in different states of the country. The analysis allows to demonstrate that, even in constructions that tend to be considered crystallized structures, there is a variation that manifests itself both in non-nuclear elements and in core constituted by general nouns, which is observed mainly in conversational markers.

* Doutor em Letras pela Universidade de São Paulo. Professor associado da Faculdade de Letras da UFMG.

** Mestre em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais.

PALAVRAS-CHAVE: Expressão fixa. Nomes gerais. Variação lexical. Português oral.

KEYWORDS: Fixed expression. General nouns. Lexical variation. Spoken Portuguese.

1. Introdução

Interessa para este trabalho fazer uma análise, em uma perspectiva léxico-variacionista, de expressões fixas (doravante EFs) que tenham em sua constituição um nome geral. Optou-se por se estudar esse tipo de construção dada a potencialidade dos nomes gerais de comporem construções fixas com significados que não correspondem à somatória dos seus componentes.

Apesar de as EFs terem por característica principal a cristalização¹, é preciso levar em consideração que elas podem estar em uma escala maior ou menor de fixidez. Desse modo, em expressões como *não falar coisa com coisa* e *não dizer coisa com coisa*, constata-se que, além de conterem o mesmo sentido² – ‘expressar um discurso desconexo’, ou seja, ‘dizer disparates’ –, não há variação, neste caso, quanto ao nome geral, e sim dos demais componentes que o acompanham. Por outro lado, podem ser observadas substituições do próprio nome geral, como em *dar uma coisa* e *dar um negócio*, em que o sentido ‘perder os sentidos’, é mantido, apesar da variação lexical³. Por sua vez, os nomes gerais (*general nouns*) são definidos por Halliday e Hasan (1976, p. 274) como um conjunto de nomes situado entre as classes abertas e fechadas, que possui importante função coesiva nos textos por envolverem um mínimo de conteúdo semântico-referencial. Esses importantes itens recebem diversas denominações, como palavras *passe-partout*, *nomes nucleares de rótulos retrospectivos*, *substantivo-suporte*, entre outros (AMARAL; RAMOS, 2014). O comportamento inerente a esses itens permite

¹ Para Gross (1996, p. 3- 4), a cristalização é um processo linguístico cujos elementos não podem ser dissociados.

² Entende-se o termo como *sentido* como "núcleo duro indispensável de significado" (HURFORD; HEASLEY, 2004, p. 127).

³ O Dicionário Aulete Digital define *dar uma coisa* da seguinte forma: “em alguém, ter alguém uma síncope, perder os sentidos” (AULETE DIGITAL, 2018).

questionamentos quanto a possíveis alternâncias entre membros dessa particular classe no interior das expressões, visto que são elementos esvaziados semanticamente.

Devido à sua extensa flexibilidade de uso, os nomes gerais são muito comuns e, por possibilitarem referência generalizada, se tornam muito úteis e frequentes em expressões idiomáticas. De acordo com Amaral e Ramos (2014, p. 41), esses nomes “aparecem em várias locuções ou fraseologias na língua”. Os dicionários consultados pelos autores registram, por exemplo, *não ser grande coisa*, *negócio da China*, etc. No entanto, ainda segundo os mesmos autores, há expressões que ainda não foram dicionarizadas, como *com coisa que*, *é o tipo da coisa* e *esse negócio de*. Dessa maneira, o estudo sobre a produtividade dos nomes gerais no processo de formação de EFs se mostra relevante, visto que é observado um grande número de cristalizações, até então, não dicionarizadas.

Além do mais, verifica-se que a análise da estrutura interna das expressões idiomáticas tem despertado grande interesse entre linguistas brasileiros, como Xatara (1994), Xatara e Oliveira (2002), Tagnin (1989, 2013), Fulgêncio (2008), Raposo (2007) e Riva (2009), os quais têm contribuído, nas últimas décadas, para a elaboração de um construto teórico consistente no que diz respeito a essas expressões. No entanto, essas pesquisas não têm por objetivo analisar expressões que contêm, em sua composição, os nomes gerais, tampouco sob uma perspectiva que considere a variação na língua oral. Este trabalho tenta preencher um pouco dessa lacuna, considerando-se, para tanto, dados de língua oral do português brasileiro.

2. Pressupostos teóricos

O léxico de uma língua inclui unidades muito heterogêneas, compreendendo desde monossílabos e vocábulos simples, até seqüências complexas formadas de vários vocábulos e mesmo frases inteiras, como é o caso de muitas expressões idiomáticas e provérbios. A identificação dessas estruturas complexas, denominadas

por este trabalho de *unidades lexicais* (ULs), é “fundamental para a análise computacional de textos porque elas se comportam irregularmente tanto morfosintática como semanticamente” (BIDERMAN, 2001, p. 171). Uma consequência de admitir as unidades lexicais como uma combinatória fechada no léxico é que elas permitem que seja estudada sua estrutura linguística interna: sintática, semântica, morfológica e fonológica.

2.1 Expressões fixas

A classe das EFs, como observa Iriarte Saromán (2000), tanto na prática lexicográfica quanto na bibliografia teórica, possui uma multiplicidade terminológica de designações. Assim, em autores e épocas diferentes, depara-se com termos como *frasema, colocação, solidariedade lexical, modismo, locução, frase feita, expressão idiomática, idiomatismo, expressão fixa, lexia complexa, unidade fraseológica, fraseologismo, sintagma, expressão* ou *construção fossilizada, etc.*, que são utilizados para referir-se ao mesmo conceito ou a conceitos diferentes (IRIARTE SANROMÁN, 2000, p. 180).

Para Xatara e Oliveira (2002), tal classe é concebida como um “grupo cristalizado com um determinado valor lexical preenchido convencionalmente, ou seja, ligado a um fato social” (XATARA; OLIVEIRA, 2002, p. 57). Fulgêncio (2008, p. 101) considera ser EF “qualquer sequência de palavras que é memorizada pelos falantes da língua como um todo unitário, sendo igualmente recuperada da memória em bloco, sem o intermédio obrigatório da aplicação de regras de valor geral”, noção acolhida por este trabalho por ser considerada a mais adequada aos objetivos propostos. Sua estrutura sintática, para além de ser geralmente fixa e tender a não permitir variabilidade livre na ordem dos elementos componentes, não é justaposta a partir de regras, mas recuperada da memória como um todo e reconhecida como uma unidade informacional pelos usuários da língua. Com base nessas particularidades, essas estruturas compreendidas como bloco único são convencionais do ponto de vista

do significado, uma vez que, conforme Tagnin (1989) aponta, o conhecimento de cada palavra que compõe a expressão não leva ao significado do conjunto, precisamente porque o grupo tem um significado arbitrário.

O que particulariza esse tipo de estrutura fixa, ainda segundo Tagnin (2013, p. 19), “é que todas essas unidades linguísticas são aprendidas como um todo, isto é, em bloco”. A autora classifica as EFs com base em características sintáticas, semânticas e/ou pragmáticas. Tendo isso em vista, as EFs são agrupadas pela autora em oito tipos: coligações, colocações, binômios, estruturas agramaticais consagradas, expressões convencionais, expressões idiomáticas, marcadores conversacionais e fórmulas situacionais. A classificação de Tagnin abarca, satisfatoriamente, uma ampla gama de tipos de estruturas cristalizadas comuns ao léxico da língua portuguesa, que atende e fornece uma base teórica apropriada para a proposta deste trabalho.

Uma característica das EFs é ser indecomponível. Raposo (2007, p. 40), ao analisar a natureza morfossintática das expressões idiomáticas (EI), verifica que a relação existente entre as partes para formar o todo pode ser examinada por meio dos aspectos morfossintáticos e semânticos. A pesquisadora entende que essas estruturas

são sintagmas, combinações de duas ou mais formas linguísticas, em que uma delas funciona como determinante e a outra como determinado. Há um elo de subordinação e, dessa forma, estabelecem-se estruturas tipológicas de acordo com o elemento que pode ser alterado na expressão idiomática. Em outras palavras, os elementos que compõem a expressão se subordinam a um termo que se caracteriza como sendo o núcleo da lexia complexa e esse, por sua vez, é o elemento passível de transformação. No entanto, as possibilidades de mudança dos elementos que compõem uma EI não estão circunscritas apenas ao núcleo da estrutura, embora as mudanças no núcleo sejam mais frequentes. (RAPOSO, 2007, p. 40).

As observações da autora sobre a estrutura interna das EIs podem ser expandidas para os demais tipos de EFs, visto que também possuem a

indecomponibilidade como característica e, posteriormente, tais considerações contribuirão para as análises sobre a variação lexical das EFs encontradas na amostra.

Por fim, reforça-se que as unidades cristalizadas, denominadas expressões fixas, são presentes e comuns nas línguas naturais, construídas e compreendidas pelos usuários e funcionam como qualquer palavra da língua.

2.2 Os nomes gerais

Conforme já explicitado, este trabalho se interessa pelas EFs que tenham em sua constituição um nome geral. Conforme apontam Amaral e Ramos (2014), na literatura linguística, os itens que possuem características típicas de nomes gerais recebem diferentes denominações como *palavra coringa*, *palavra ônibus*, *falso nome contável*, *palavra camaleão*, *palavra funcional*, *palavra passe-partout*, *nomes nucleares de rótulos retrospectivos*, *termos ou nomes genéricos*, *substantivo-suporte* e *concha nominal*. Em todo caso, trata-se de unidades linguísticas que possuem pouco conteúdo semântico. De acordo com Koch e Oesterreicher (2007), possuem uma intensão mínima e uma extensão máxima e, conforme apontam Halliday e Hasan (1976), estão na fronteira entre o léxico e a gramática.

Com relação às funções pragmáticas de um nome geral, um falante pode empregá-lo com três finalidades: (i) não perder tempo procurando na memória um termo conveniente para se referir à entidade pensada por ele (FULGÊNCIO, 1983); (ii) evitar que um referente de significado incômodo seja verbalizado, esquivando-se de possíveis constrangimentos; e (iii) dar a possibilidade de afastamento e de inespecificidade de forma intencional, incluindo fazendo uma referência genérica.

Embora haja muitos trabalhos que façam alguma referência a essa categoria de nomes, somente há poucos anos vêm sendo estudada a fundo por linguistas. Entre os trabalhos que discutem algum aspecto dessa categoria de nomes, encontram-se aqueles preocupados com a coesão lexical (HALLIDAY; HASAN, 1976; FRANCIS,

1994; SCHMID, 2000); com a linguística de corpus (MAHLBERG, 2005); com a linguística contrastiva (KOCH; OESTERREICHER, 2007; AMARAL, 2017) e os que observam a importância desses nomes nos processos de gramaticalização e de formação de pronomes (HASPELMATH, 1997; HEINE; KUTEVA, 2004; HEINE; SONG, 2010; 2011; GIACALONE; SANSÒ, 2007; 2011). Também é possível destacar aqueles que se ocupam especificamente de nomes gerais para humanos (AMARAL; MIHATSCH, 2016; MIHATSCH, 2015) e dos que se ocupam de dados do português brasileiro (AMARAL; RAMOS, 2014; OLIVEIRA, 2006).

Mas nenhum dos trabalhos anteriores se ocupa propriamente do papel dos nomes gerais na formação de EFs e muito menos com um foco na variação. Amaral e Ramos (2014) destacam que esses nomes aparecem em várias locuções ou fraseologias na língua e afirmam que os dicionários registram, por exemplo, com o item *coisa*: *coisa-à-toa*, *coisica de nada*, *não ser grande coisa*; com *negócio*: *negócio da China*, *negócio de pai para filho*; e com o item *pessoa*: *em pessoa*, *ser a segunda pessoa de*. Os autores, porém, destacam que há expressões que ainda não foram dicionarizadas, como *com coisa que*, *é o tipo da coisa* e *esse negócio de*. Verifica-se, portanto, que os nomes gerais são itens produtivos no processo de formação de expressões idiomáticas, sendo observadas cristalizações, até então, não registradas por obras lexicográficas. Embora tenham identificado novas expressões, os autores não chegam a discutir nada em relação às possíveis formas variantes.

Entre os nomes gerais mais comuns citados em trabalhos sobre o português brasileiro, encontram-se palavras como *cara*, *coisa*, *indivíduo*, *homem*, *negócio*, *pessoa*, *trem*, *troço* (AMARAL e RAMOS, 2014; OLIVEIRA, 2006). Conforme será explicado adiante, neste trabalho observa-se a variação de EFs que contêm somente uma seleção desses nomes estudados.

2.3 Variação lexical

Apesar de a variação linguística se apresentar em todos os níveis da língua, é no nível lexical que pode ser percebida mais rapidamente. O estudo desse nível é de fundamental importância, pois é também nele que as fronteiras do domínio do repertório linguístico da sociedade são ampliadas como um todo, além de caracterizar a variedade regional e sociocultural de qualquer língua.

Moreno Fernández (2005, p. 33) destaca que, para abordar o estudo da variação léxica, é necessário demonstrar tais equivalências e encontrar essas variantes no discurso natural. O pesquisador também menciona os casos em que as unidades alternantes não são palavras, mas combinações fixas. Penadés Martínez (1999), por sua vez, reconhece ser possível, a partir dos significados definidos nos dicionários, estabelecer conjuntos de unidades fraseológicas a partir de uma relação de sinonímia. A autora também identifica outras construções que, apesar das diferenças de tipo léxico, são variantes do mesmo fraseologismo, mesmo com uma identidade de significante parcial, ou seja, com igualdade parcial de formas, o que reforça ainda mais a associação que a própria identidade de significado estabelece entre elas.

Neste trabalho, adota-se um conceito de variante a partir do exposto por García-Page (2007, p. 219), segundo o qual as variantes são modulações formais que uma mesma expressão fixa apresenta e que estão codificadas ou institucionalizadas, ou seja, são previsíveis. O mesmo autor destaca que estas modulações podem ser de natureza diversa, como fônica, gráfica, morfológica, gramatical ou lexical. A este trabalho, interessam sobretudo as modulações de ordem gramatical e lexical.

No caso da variação lexical, García-Page (2007, p. 242) sustenta que esta só pode se dar mediante o mecanismo da comutação. Essa substituição pode ocorrer, ainda segundo o autor, entre unidades lexicais sinonímicas (ou quase-sinonímicas) ou não, o que também não significa que dois itens que apresentam identidade de sentido, ou seja, que são considerados sinônimos perfeitos, possam livremente participar de uma

comutação em toda unidade fraseológica. De acordo com o autor: “a sinonímia sistêmica ou literal dos componentes intercambiáveis não é, portanto, *conditio sine qua non* para a formação de variantes (GARCÍA-PAGE, 2008, p. 242)⁴.

Para García-Page, os elementos que participam de uma comutação entre variantes fraseológicas podem guardar algum tipo de relação semântica. Neste trabalho, argumenta-se que é justamente por conterem poucos traços semânticos que os nomes gerais possibilitam a variação das EFs nos dados de língua oral.

3. Procedimentos metodológicos

Este trabalho se dedica à análise das EFs que incluem em sua composição um nome geral e foca na variação lexical que as EFs podem apresentar. Para tanto, fez-se a seleção dos seguintes nomes gerais: *coisa*, *negócio*, *trem* e *troço*, todos com traço [-humano].

Os dados selecionados para a constituição da amostra provêm de transcrições sociolinguísticas pertencentes aos seguintes corpora: (1) projeto *O uso de nomes gerais nos falares mineiros* (NGFM); (2) projeto *Português Oral Culto de Fortaleza* (PORCUFORT); (3) *Grupo Discurso & Gramática* (D&G) e (4) projeto da *Norma Urbana Oral Culta* (NURC), totalizando 411 transcrições e 1.585.357 palavras. Os dados, todos de língua oral, são das seguintes localidades: Bambuí (BMB), Belo Horizonte (BHZ), Caeté (CTE), Fortaleza (FRT), Juiz de Fora (JZF), Montes Claros (MOC), Natal (NTL), Niterói (NTR), Nova Lima (NLM), Ouro Preto (OPR), Ponte Nova (PNV), Rio Grande (RGD), Rio de Janeiro (RJD), Rio de Janeiro (RJN), Santa Luzia (SLZ), Sericita (SRC) e Sete Lagoas (SLG)⁵.

⁴ No original: “la sinonimia sistémica o literal de los componentes intercambiables no es, por lo tanto, *conditio sine qua non* para la formación de variantes”.

⁵ Os dados de RJD pertencem ao projeto *Discurso & Gramática* e os de RJN, ao projeto NURC. As informações completas sobre o processo de constituição da amostra de dados se encontram em Oliveira (2017).

Por se tratar de um trabalho qualitativo, não é estabelecido um número mínimo de ocorrências de uma construção. O que justifica esse critério é que, no processo de leitura e coleta dos dados, é feita uma análise semântico-lexical considerada fundamental para que as construções unitárias recebam a devida atenção quanto ao seu sentido e função dentro das orações. Outra razão é que o número de ocorrências lexicais é menos frequente se comparado às fonéticas/fonológicas, o que torna inviável o descarte de ocorrências raras. Portanto, na próxima seção, serão relacionadas todas as EFs da amostra que contêm os nomes gerais selecionados e que apresentam algum tipo de variação na sua constituição interna.

Em concordância com os objetivos do trabalho, é feita uma discussão acerca da variação lexical nas EFs devido à particularidade da classe dos nomes gerais, que autoriza a permuta entre itens sem causar quebra de sentido e/ou função.

4. Resultados e análise dos dados

O conjunto de EFs encontradas nos dados de língua oral inclui expressões dicionarizadas (ex.: *coisa de louco*) e outras que ainda não estão registradas nos dicionários (ex.: *coisa deste tipo*). Considerando ambos tipos de expressões, podemos identificar um conjunto que apresenta variação em relação a diversos elementos de sua constituição interna e outro que apresenta variação especialmente em relação ao nome geral. Nas próximas subseções, trataremos desses dois conjuntos.

4.1. Variação não nuclear das EFs com nomes gerais

No quadro 1, estão representadas as EFs em que há variação entre os elementos internos, i.e, o que varia não são os nomes gerais.

Quadro 1 -- Relação de EFs com nomes gerais que apresentam variação em elementos não nucleares.

<p>aquela coisa toda / essa coisa toda aquele negócio todo / esse negócio todo coisa desse (deste) tipo / coisa do tipo</p>

<p>é a tal coisa / é aquela coisa / é aquela tal coisa é aquele negócio / tem aquele negócio é o tal negócio / tem aquele negócio esse negócio de / aquele negócio de esse tipo de coisa / aquele tipo de coisa não ser grande coisa / não ser lá grande coisa negócio de louco / negócio de doido</p>

Fonte: resultados da pesquisa.

Seguindo a classificação de Tagnin (2013), a EF *aquela coisa toda* funciona como marcador conversacional, isto é, como uma estratégia linguística útil aos interlocutores para a construção do discurso, e apresenta uma variação entre os demonstrativos *aquela* e *essa*, como mostram os exemplos abaixo.

- (1) tinha a arte, eh, tinha colagem, modelagem, *aquela coisa toda* (RJN 05)
- (2) diz que o pombo faz cocô em cima *essa coisa toda* (RJN 128)

A variabilidade dos demonstrativos em (1) e (2) é possível, porque, aparentemente, existe uma estrutura abstrata e há um preenchimento feito pelos interlocutores com esses elementos constituintes das EFs, que têm caráter resumitivo. Por isso, é indispensável que haja o conhecimento partilhado, oral e situacional, no momento de produção, para que os elementos dêiticos façam sentido na interação comunicativa, permitindo essa indistinção de uso.

O fato de as ULs compostas por nomes gerais virem acompanhadas por determinantes é comum à classe. Levando-se em conta as regras gramaticais, isso se deve ao fato de este pequeno grupo de palavras necessitar de auxílio para a determinação de relações referenciais, fato muito importante na construção e progressão da informação, principalmente por via verbal. Em outras palavras, o nome geral, por (re)qualificar o referente de forma pouco específica, torna pertinente a adjunção de um elemento dêitico na estrutura.

A variação entre (3) e (4) está na inserção do advérbio *lá* e o marcador plural no adjetivo *grande*. Esta variação pode ser considerada uma inserção e, diferentemente dos exemplos anteriores, as duas formas estão dicionarizadas. Sublinha-se a tendência da dupla negativa, posto que há formas de negação antes e no fim da construção.

(3) noticiário porque esses programa de auditório *num são grande coisa* não né? (FRT 15)

(4) a casa de praia... num é lá... *num é lá grandes coisa* não... mas comporta um bo/ comporta muita gente (NTL 12)

De modo geral, o que se nota é que, no quadro 1 acima, os itens variantes não nucleares pertencem ao mesmo campo semântico e estão limitados aos demonstrativos (*esse/este/aquele*), aos verbos (*ser/ter*) e à inserção/remoção de elementos, como o advérbio de lugar *lá* e o artigo *o*. Uma variação mais interessante do ponto de vista dos estudos lexicais é a que se dará com os núcleos das expressões, tal como explicado na próxima subseção.

4.2. Variação nuclear de EFs com nomes gerais

Parte-se agora para o exame da variação lexical dos nomes gerais núcleos das EFs. Os dados permitem identificar os seguintes nomes gerais como membros de unidades variantes: *coisa/negócio*; *coisa/troço*; *coisa/negócio/trem*, esta última considerando a variedade dialetal do português em que ocorre *trem* como nome geral. A relação das expressões encontra-se no Quadro 2 e, em seguida, é apresentado e comentado cada grupo de variantes:

Quadro 2 -- Relação de EFs com nomes gerais que apresentação variação nos núcleos.

<p>aquela coisa toda / aquele negócio todo é a tal coisa / é o tal negócio coisa desse tipo / negócio desse tipo coisa de louco/ negócio de louco uma coisa /um troço</p>

essa coisa de/ esse negócio de/ esse trem de

Fonte: resultados da pesquisa.

(i) aquela **coisa** toda/aquele **negócio** todo:

(5) aí só ficava olhando a gente abrir a latinha *aquela coisa toda*... sabe aquele olhar crítico né? (BHZ 18)

(6) boto o endereço, remetente, *aquele negócio todo* e boto lá, no, no lugar adequado, né? (RJN 184)

No par acima, verifica-se que ambas as expressões funcionam como uma estratégia de progressão referencial que, através de uma generalização, abarcam toda informação anterior às ULs. Logo, o falante faz a ativação (anafórica) de traços gerais do referente, permitindo a continuidade/encerramento do turno.

(ii) *é a tal coisa / é o tal negócio*;

(7) bom, mas *é a tal coisa*, né, sempre podia estar pior noutro lugar, né? (RJN 153)

(8) é assim meio infantil, meio pueril, mas *é o tal negócio*, é... evoca assim época de Natal (RJN 21)

Diferentemente do exemplo anterior, o par variável acima, neste caso, estabelece uma estratégia de progressão referencial por meio de uma reorganização/introdução de informações. Desse modo, o falante, por meio das expressões, é capaz de fazer a ativação, ora catafórica (7), ora anafórica/catafórica (8), de traços gerais ao reformular/inserir o respectivo período para uma continuidade progressiva. Assim, no primeiro exemplo, com *a tal coisa*, o informante antecipa a informação referente ao que julga 'estar pior em outro lugar', ao passo que, no segundo exemplo, com *o tal negócio*, o informante retoma lembranças nostálgicas de sua infância

e antecipa a relação que procura estabelecer dessas lembranças com o período do Natal.

(iii) *coisa desse tipo* / *negócio desse tipo*:

(9) se comportar numa determinada entrevista *coisas desse tipo*... cê tá/cê vai passar ali na frente de outras pessoas” (CTE 21)

(10) no campo de futebol... futebol de salão... *negócio desse tipo*... então é muito bom (FRT 45)

As EFs acima, por sua vez, permitem ao falante fazer uma seleção das informações do contexto e realizar uma retomada anafórica que delimita e restringe ideias precedentes. Em (9) e (10), por exemplo, dentre as informações precedentes às expressões *coisas desse tipo* e *negócio desse tipo*, faz-se uma limitação do que é pertinente aos assuntos *comportamento em entrevista* e *futebol*.

(iv) *coisa de louco*/ *negócio de louco*;

(11) mas infelizmente o excesso de trabalho, mas é uma **coisa de louco** (RJN 145)

(12) saía água pelos boeiros, assim um *negócio de louco* (RJN 322)

A expressão *coisa de louco* está registrada no dicionário de locuções de Rocha (2011) como ‘algo que acontece de forma inusitada, estranha’. No entanto, ainda que aproximada, o que se nota dos dados é uma ideia distinta, algo como ‘bagunça ou caos’. Tal sentido é o mesmo compartilhado em *negócio de louco* (12), o que pode ser considerado como um indício da incorporação de um novo significado para a EF em questão. Ambas ULs podem, por conseguinte, serem utilizadas uma no lugar da outra.

(v) *uma coisa/um troço*:

- (13) só tem brasileiro falando alto lá e achando graça e acha que pode falar palavrão, aquele negócio, é *uma coisa!* (RJN 233)
 (14) e chega um pedido, um, um único consumidor pedindo vinte por mês... é *um troço*... não tem condição, muito difícil (RJN 113)

As expressões idiomáticas *um troço* e *uma coisa* estão dicionarizadas, igualmente, com dois sentidos. Um relaciona a algo uma qualidade positiva e o outro uma qualidade negativa. Os registros dos dados orais de *um troço* pontuaram somente a sua segunda característica. O uso de *uma coisa* também se orienta para a abonação negativa. Nessas expressões, também é permissível a troca dos nomes gerais, bem como serem usadas uma no lugar da outra, sem o rompimento do seu significado convencional, como exemplificado em (13a) e (14a):

- (13) a. só tem brasileiro falando alto lá e achando graça e acha que pode falar palavrão, aquele negócio, é *um troço!*⁶
 (14) a. e chega um pedido, um, um único consumidor pedindo vinte por mês... é *uma coisa*... não tem condição, muito difícil.

(vi) essa **coisa** de/ esse **negócio** de/ esse **trem** de;

- (15) isso aí sempre pesou muito... sabe? *essa coisa de* você comprar um tecido e mandar fazer uma blusinha (FRT 12)
 (16) agora *esse negócio de* malha blusa de malha... eh jeans... sabe? (FRT 32)
 (17) eu gostava... mai[s] pr[a] *esses trem de* apresentar trabalho assim na frente de muita gente... aí dava não (CTE 26)

Os marcadores discursivos são os tipos de EFs que apresentam, na amostra, maior registro de variação do nome geral. São três pares (*aquela coisa toda / aquele negócio todo; é a tal coisa / é o tal negócio; coisa desse tipo / negócio desse tipo*) e um trio (*essa coisa de/ esse negócio de/ esse trem de*) que compartilham igualdade de valor referencial. Tais estruturas, por exercerem funções, e talvez por carregarem ainda menos carga

⁶ As paráfrases dos exemplos deste trabalho são de nossa autoria.

semântica como conjunto se comparadas às EIs, permitem mais facilmente a alternância do seu nome núcleo por outro da mesma classe, no caso, nomes gerais, sem afetar a coesão do enunciado. Isso pode ser confirmado abaixo:

(15) a. isso aí sempre pesou muito... sabe? *essa coisa de* [= *esse trem de* = *esse negócio de*] você comprar um tecido e mandar fazer uma blusinha (FRT 12)

(16) a. agora *esse negócio de* [= *essa coisa de* = *esse trem de*] ma::lha blusa de ma::lha... eh:: jeans::... sabe? (FRT 32)

(17) a. eu gostava... mai[s] pr[a] *esses trem de* [= *essas coisas de* = *esse negócio de*] apresentar trabalho assim na frente de muita gente... aí dava não (CTE 26)

Pelos exemplos expostos, observa-se que, apesar do intercâmbio dos pares correspondentes das EFs, não é verificado prejuízo na progressão discursiva e não há mudança do sentido nas expressões idiomáticas e da função dos marcadores conversacionais listados.

Dessa maneira, quando uma EF é utilizada, e neste caso o que está sendo avaliado são dados orais, o enunciador preenche essa representação com os nomes gerais que estão mais disponíveis. O item *coisa*, que é o membro mais prototípico da classe, é também o mais produtivo na formação de EFs. Por outro lado, o item *trem* não está disponível em todas as variedades da língua portuguesa como nome geral e, portanto, não fará parte de EF onde não é empregado com esse valor. Em todo caso, dependendo do tipo de EF, o núcleo do sintagma pode ser preenchido por qualquer um dos membros da classe, por estarem dentro do mesmo campo semântico.

Logo, apesar de os grupos de (i) a (vi) terem em sua constituição nomes gerais distintos, as EFs não sofrem alteração do sentido/função porque, aparentemente, o que as sustenta não são os elementos integrantes das construções, mas sim uma representação abstrata ou mental. Há a recuperação e uma compreensão global da EF sem que o enunciador faça um processamento dos morfemas que integram a unidade linguística. Existe uma estrutura abstrata e há um preenchimento dos elementos

constituintes de valoração semântica semelhante que formam, conforme postula Lavandera (1978), construções de mesmo valor funcional.

Outro fato constatado é que, quanto mais pleno o sentido, menos provável é a possibilidade de alteração de elementos. Isso pode ser comprovado com a tentativa de permuta na expressão *coisa julgada*, encontrada nos dados orais, mas que, no entanto, não permite variação lexical, por se tratar de um termo especializado utilizado na linguagem jurídica. Ao se tentar fazer a troca do nome geral da expressão *coisa julgada* (18), para *negócio julgado* (18a), com a devida obrigatoriedade da concordância nominal exigida pelas regras gramaticais, prejudica-se o sentido da colocação:

(18) eu vou executar aquela sentença... daí o fato de que a... a execução... só se faz... depois da *coisa julgada*. (RJN 341)

(18) a. * eu vou executar aquela sentença... daí o fato de que a... a execução... só se faz... depois do *negócio julgado*.

A quebra de sentido, no entanto, não é observada nos exemplos anteriores desta seção, em que os nomes gerais podem ser alterados na composição da estrutura sem romper o sentido da EF, o que reforça a afirmativa do preenchimento de sentido da UL.

5. Considerações finais

As EFs, apesar de terem por característica a rigidez das suas estruturas, tendem a permitir substituição de palavras, desde que pertençam ao mesmo campo semântico ou que sejam observadas determinadas restrições. Logo, não se trata de uma alteração livre. De modo semelhante ao que expõe García-Page (2007, p. 217), verifica-se que as unidades que sofrem variação podem aceitar um tipo de alteração muito concreta, mas não todos os tipos comuns às construções livres. Esse fato foi verificado na variação dos itens não nucleares das estruturas, com a permuta dos determinantes, e acontece

com os nomes núcleos, no caso os nomes gerais, pelo fato de serem nomes de natureza semelhante e com conteúdo semântico mínimo na língua.

Por fim, considera-se que as alterações não são livres nem exclusivamente dependentes da estrutura interna da expressão. São dependentes de autorização contextual e do conhecimento pragmático do ouvinte, visto que o que é armazenado é a ideia, uma estrutura abstrata (FULGÊNCIO, 2008). Além disso, quanto mais preenchida semanticamente, mais específica é a EF, o que impede uma troca dos nomes gerais quando em posição de núcleo, a exemplo de *coisa julgada*. Por outro lado, quanto mais gramatical é a estrutura, como é o caso dos marcadores conversacionais, maior é a possibilidade de troca do nome geral devido às suas funções coesivas, conforme exemplificado em (15), (16) e (17).

Referências bibliográficas

AMARAL, E. T. R. Estudio contrastivo de nombres generales para humanos en español y en portugués. **Lingüística y literatura**, n. 72, p. 54-79, 2017.

AMARAL, E. T. R.; RAMOS, J. **Nomes gerais no português brasileiro**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2014.

AMARAL, E. T. R.; MIHATSCH, W. Le nom français ‘personne’ en comparaison avec le portugais brésilien ‘pessoa’ et l’allemand ‘Person’ – des noms en voie de pronominalisation?”. **Actes du CMLF 2016 – 5e Congrès Mondial de Linguistique Française**. Les Ulis: SHS Web of Conferences. 27: 1-17, 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1051/shsconf/20162712015>. Acesso em: 28 out. 2017.

AULETE DIGITAL. Lexikon, 2018. Disponível em: <http://www.aulete.com.br/coisa>. Acesso em: 23 jul. 2018.

BIDERMAN, M. T. C. **Teoria linguística: teoria lexical e linguística computacional**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FRANCIS, G. Labelling discourse: an aspect of nominal-group lexical cohesion. In: COULTHARD, M. (ed.). **Advances in written text analysis**. London / New York: Routledge, 1994. p. 83-91.

FULGÊNCIO, L. **O problema da interpretação dos elementos anafóricos**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte, 1983. 130 p.

FULGÊNCIO, L. **Expressões fixas e idiomatismos do português brasileiro**. 2008. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, PUC, Belo Horizonte, 2008. 506 p.

GARCÍA-PAGE SÁNCHEZ, M. **Introducción a la fraseología española**: estudio de las locuciones. Barcelona: Anthropos, 2008.

GIACALONE RAMAT, A.; SANSÒ, A. The spread and decline of indefinite *man*-constructions in European languages: an areal perspective. In: RAMAT, P.; ROMA, E. (ed.). **Europe and the Mediterranean as Linguistic Areas**: convergencies from a historical and typological perspective. Amsterdam / Philadelphia, John Benjamins, 2007. p. 95-131.

GIACALONE RAMAT, A.; SANSÒ, A. L'emploi indéfini de *homo* en latin tardif: aux origines d'un "européanisme". In: FRUYT, M.; SPEVAK, O. (eds.). **La quantification en latin**. Paris: Harmattan, 2011. p. 93-115.

HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. **Cohesion in English**. 14. ed. London /New York: Longman, 1976.

HASPELMATH, M. **Indefinite pronouns**. Oxford: Clarendon, 1997.

HEINE, B.; KUTEVA, T. **World lexicon of grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

HEINE, B.; SONG, K. On the genesis of personal pronouns: some conceptual sources. **Language and cognition**, v. 2/1, p. 117-147, 2010. DOI: <https://doi.org/10.1515/langcog.2010.005>

HEINE, B.; SONG, K. On the grammaticalization of personal pronouns. **Journal of Linguistics**. Cambridge, v. 47/3, p. 587-630, 2011. DOI: <https://doi.org/10.1017/S0022226711000016>

HURFORD, J. R.; HEASLEY, B. **Curso de semântica**. Canoas: ULBRA, 2004.

IRIARTE SANROMÁN, Á. **A unidade lexicográfica: palavras, colocações, frasesmas, pragmatemas.** Dissertação (Doutoramento em Ciências da Linguagem – Linguística Aplicada). Centro de Estudos Humanísticos, Universidade do Minho, Braga, 2000. 441p.

KOCH, P.; OESTERREICHER, W. **Lengua hablada en la Romania: español, francés, italiano.** Madrid: Gredos, 2007.

LAVANDERA, B. R. **Variación y significado. Y discurso.** Buenos Aires: Paidós, 2014.

MAHLBERG, M. **English general nouns: a corpus theoretical approach.** Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2005. DOI: <https://doi.org/10.1075/scl.20>

MIHATSCH, W. La sémantique des noms généraux *être humain* français et allemands. *In: MIHATSCH, W.; SCHNEDECKER, C. (ed.). Les noms d'humains: une catégorie à part?.* (Zeitschrift für französische Sprache und Literatur – Beihefte, Neue Folge ZFSL-B), Stuttgart: Franz Steiner, 2015. pp. 55-84.

MOLLICA, M. C. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. *In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (org.). Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação.* São Paulo: Contexto, 2004.

OLIVEIRA, C. M. G. M. de. **O substantivo suporte: critérios operacionais de caracterização.** 2006. Tese (Doutorado em Letras) - Centro de Teologia e Ciências Humanas, PUC, Rio de Janeiro, 2006. 118 p.

OLIVEIRA, L. de S. do N. **Expressões fixas do português formadas a partir de nomes gerais: aspectos lexicais e variacionistas.** Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte, 2017. 80 p.

PENADÉS MARTÍNEZ, I. **La enseñanza de unidades fraseológicas.** Madrid: Arco Libros, 1999.

RAPOSO, K. C. de S. **Estudo das expressões idiomáticas do português do Brasil: uma proposta de sistematização.** Dissertação (Mestre em Língua Portuguesa) Programa de Pós-graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007. 137 p.

RIVA, H. C. **Dicionário onomasiológico de expressões idiomáticas usuais na língua portuguesa do Brasil**. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2009. 311 p.

ROCHA. C. A. de M.; ROCHA, C. E. P. de M. **Dicionário de locuções da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Lexicon, 2011.

SCHMID, H.-J. **English abstract nouns as conceptual shells**. Berlin / New York: Mouton de Gruyter, 2000.

TAGNIN, S. E. O. **Expressões idiomáticas e convencionais**. São Paulo: Ática, 1989.

TAGNIN, S. E. O. **O jeito que a gente diz: expressões convencionais e idiomáticas**. São Paulo: Disal, 2013.

XATARA, C. M. **As expressões idiomáticas de matriz comparativa**. Dissertação (Mestrado em Letras: Linguística e Língua Portuguesa). Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 1994. 140 p.

XATARA, C. M.; OLIVEIRA, W. L. de. **Dicionário de provérbios, idiomatismos e palavrões: francês-português / português-francês**. São Paulo: Cultura, 2002.

Artigo recebido em: 12.11.2017

Artigo aprovado em: 27.05.2018